

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

INGRID HYDALGO ERBERT

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO**

Memórias e Reflexões sobre a Formação para a Prática Pedagógica:  
O Caminho percorrido até aqui

MARIANA  
2023

INGRID HYDALGO ERBERT

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO**

Memórias e Reflexões sobre Formação para a Prática Pedagógica:

O Caminho percorrido até aqui.

Memorial de formação apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito para obtenção do grau de Licencianda em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dr. Rosa Coutrim

MARIANA

2023

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

E65m Erbert, Ingrid Hydalgo.  
Memórias e reflexões sobre a formação para a prática pedagógica  
[manuscrito]: o caminho percorrido até aqui. / Ingrid Hydalgo Erbert. -  
2023.  
26 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.  
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em Pedagogia .

1. Professores - Formação. 2. Desenvolvimento humano. 3. Educação.  
I. Coutrim, Rosa Maria da Exaltação. II. Universidade Federal de Ouro  
Preto. III. Título.

CDU 37

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3814



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Ingrid Hydalgo Erbert

Memórias e Reflexões sobre a Formação para a Prática Pedagógica: O Caminho percorrido até aqui  
Memorial de Formação

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal  
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia

Aprovada em 20 de setembro de 2023.

### Membros da banca

Profa. Dra. Rosa Maria de Exaltação Coutrim - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof. Dr. Erisvaldo Pereira dos Santos - Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de  
Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 18/01/2024.



Documento assinado eletronicamente por **Rosa Maria da Exaltacao Coutrim, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em  
18/01/2024, às 17:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de  
outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0654692** e o código CRC **683A5476**.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>3</b>
<b>1. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA</b>	<b>5</b>
<b>2. INÍCIO DA VIDA ESCOLAR</b>	<b>7</b>
<b>3. O FUNDAMENTAL II E O ENSINO MÉDIO</b>	<b>8</b>
<b>4. O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA</b>	<b>12</b>
<b>5. UMA CRONOLOGIA: SOBRE-VIVÊNCIAS</b>	<b>15</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b>	<b>24</b>

## INTRODUÇÃO

Meu nome é Ingrid Hydalgo Erbert, tenho 27 anos e essa é a minha reta final para finalizar meu curso de pedagogia que iniciei em 2016 na Universidade Federal de Ouro Preto. Quando cheguei aqui, meu objetivo era incerto, mas eu sabia que tinha vontade de trabalhar com educação. Eu vim de longe, lá de Atibaia, uma cidade do interior de São Paulo, próxima da capital paulista. Eu tinha 20 anos e algumas roupas na mala quando cheguei em Mariana pela primeira vez. Nunca tinha viajado tão longe de casa sozinha e por mais que eu me lembre de me sentir despreparada para aquela jornada, hoje eu vejo o quanto fui corajosa em entrar naquele ônibus sem saber o que me esperava. Dizem que uma viagem de 1.000 quilômetros começa com um passo...

Também vejo o quanto eu tive sorte de encontrar pessoas aqui que me ajudaram muito sem que eu soubesse, naquela época, o quanto aquele apoio seria importante para mim. Fui acolhida na República Rocinha do Conjunto I de moradias socioeconômicas da UFOP, onde resido até hoje. Naquela época, o processo para se candidatar a uma vaga nas moradias demorava alguns meses para ser realizado. Como cheguei aqui sem um plano concreto para me manter, apenas confiando nas minhas escolhas, o acolhimento na república foi imprescindível para que eu conseguisse me assentar minimamente para poder participar das aulas. Passei pela avaliação socioeconômica para moradia estudantil e no final de 2016 me tornei uma moradora oficial da república, onde hoje sou a mais antiga moradora. Quando cheguei em Mariana e no curso de Pedagogia da UFOP, eu ainda não sabia o quanto eu seria radicalmente transformada até que me tornasse a pessoa que sou hoje, da qual me orgulho e que me possibilita olhar para trás com um olhar mais atento ao meu próprio processo escolar.

Este é meu trabalho de conclusão de curso, que escrevo em primeira pessoa, na forma de Memorial. Segundo Silva (2015), a redação acadêmica na forma de memorial consiste em uma fonte primária, sobre as experiências pessoais vividas ao longo da vida. No caso específico do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), relato um pouco da minha vivência durante o meu processo formativo.

As fontes primárias sobre a própria vida oferecem não só a dimensão das experiências pessoais de um sujeito em suas ações

cotidianas, em um relato verídico, mas também se apresentam como uma representação do indivíduo e de seus contextos que devem ser entendidos para além do contraste verdade-mentira ou exatidão-inexatidão, mas como uma tipologia dos gêneros, uma perspectiva específica, reflexo de situações de construção das representações de si e do mundo, estratégias de autorrepresentação e autofiguração, afirmação de identidades e de outras dimensões que se constroem na escrita de si (SILVA, 2015, p.110).

Durante as disciplinas de Seminário VI e VII, que são direcionadas para o processo de planejamento e escrita do TCC, refleti muito sobre como cheguei ao curso de Pedagogia da UFOP, como foi minha formação e o que pretendo para o futuro. Assim, depois de muito ler e pensar, conclui que com este trabalho, pretendi responder à seguinte pergunta: O que me levou a me tornar pedagoga? Assim, em diálogo com essa questão, defini como objetivo principal deste memorial: Refletir sobre a minha trajetória de vida e de formação acadêmica.

Este Trabalho de Conclusão de Curso traz importantes contribuições para a área da educação, seja para a discussão sobre a formação de professores/as, seja para o debate<sup>1</sup> sobre as dificuldades encontradas por estudantes universitários/as de baixa renda ao longo do processo formativo.

Reconheço a minha trajetória na vida de vários colegas do curso. Por isso, a forma de narrativa presente no memorial formativo também contribui para que outros/as estudantes se identifiquem com o meu percurso formativo e encontrem subsídios para permanecerem na universidade até à conclusão do seu percurso formativo.

Para mim, como pessoa, a construção deste memorial foi extremamente relevante, pois me possibilitou revisitar o passado, investigando a minha própria formação na área da educação para refletir acerca dos meus objetivos futuros tanto dentro da universidade como no mercado de trabalho.

Conforme já mencionado, a redação autobiográfica teve como metodologia a análise das minhas experiências profissionais e pessoais envolvendo o curso de pedagogia. Segundo Enriquez (2002):

El relato, oral o escrito, es en principio la expresión de un ser vivo, que se reconoce como tal, que narra sucesos, que evoca su

---

<sup>1</sup> Como pode ser visto, a exemplo, nos trabalhos de DIAS SOBRINHO (2010) e PAULA (2017).

experiencia, sus sentimientos, sus emociones de manera concreta, que habla de su universo social y que envía un mensaje cuyas claves entrega a los otros (ENRIQUEZ, 2002, p. 36).

A partir dessa perspectiva, pude evocar memórias que compõem a minha formação como pessoa e estudante do campo de educação e refletir sobre minhas vivências de maneira a contar a história da minha trajetória. Dos tombos e encontros oportunos, e das imprevisibilidades que constituíram o meu caminhar.

Para tornar o acompanhamento do texto narrativo mais fluido, dividi este trabalho em diferentes etapas da minha vida. Na primeira, abordo minha infância e adolescência, incluindo minha entrada na escola e meu ensino médio. A segunda fase explora minhas memórias da universidade, as atividades que participei durante a graduação e também discute o desfecho desse período.

## **1. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Minha avó nasceu debaixo de um pé de café em 1928. Sua mãe trabalhava no campo prestes a dar à luz e o parto aconteceu ali mesmo, na terra. Eu nasci em um hospital em 1996. A princípio o médico que atendia a minha mãe havia assegurado que o que se suspeitava ser uma criança se tratava, na verdade, de um cisto e nada mais. Pouco tempo depois, corrigido o erro médico, o anúncio da vinda da filha caçula aconteceu no mesmo dia em que meu pai revelou ter pedido demissão de um ótimo emprego. Mas não nasci cisto, nasci criança, de madrugada, debaixo de uma luz fluorescente. Ali mesmo, na maca. Eu não era esperada e era muito mais nova do que meus dois irmãos mais velhos, que já tinham 8 e 10 anos cada um. Esse foi o início da minha vida e do declínio financeiro da minha família.

O vício foi deteriorando a nossa relação familiar e com a separação dos meus pais, fomos morar com meus avós. Nessa época eu era conhecida como a neta da dona Nena. De manhã a minha avó, costurava peças de roupas e fazia artesanatos em sua máquina de costura verde de pedal. O meu avô, seu Modesto, era um senhor inquieto. Ele tocava violão, andava de ônibus sem rumo, só para passear, assistia TV e coletava todo e qualquer tipo de sucata que ela achava que seria útil para transformar em algo diferente. Geralmente ele fazia banquinhos no quintal com os materiais que ele encontrava durante suas andanças pela cidade.



Lembro do dia em que me dei conta de que eu sabia ler. Eu estava sentada na cadeira da cozinha enquanto a minha mãe cozinhava. O cheiro de comida pairava no ar e o clima era fresco. A luz entrava pela janela de um jeito tímido enquanto a minha mãe respondia às minhas perguntas e lidava com outras pequenas tarefas ao mesmo tempo. Eu perguntava sobre as letras, sobre as sílabas e os sons que elas faziam. Minhas pernas não alcançavam o chão e eu segurava uma revista nas mãos, pedaços de papel cheios de tudo e cheios de nada, que hoje me remetem à obra de Magda Soares. Uma epifania aconteceu quando eu parei de perguntar e comecei a ler todas aquelas palavras. Minha mãe até hoje me conta que eu dizia “Mãe, eu sei ler!”, como se tivesse “caído uma ficha”. Como se eu já soubesse fazer aquilo há um tempo e só tivesse me dado conta naquele momento. Tive muita facilidade com leitura nos anos que se seguiram, lembro de que me falavam inclusive para ler mais devagar porque eu “lia como uma metralhadora”. Acho que sem pausas, devorando todas as palavras.

A atividade de ler foi constantemente incentivada em minha casa, e eu desenvolvi um amor genuíno por ela ao longo dos anos. Me interessei muito por diversos tipos de materiais voltados para o público infantil. Dentro da universidade, cursei a disciplina de literatura infantil e entre outras coisas, aprendi que literatura infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento das crianças, oferecendo uma variedade de benefícios e impactos positivos em suas vidas. O hábito de ler estimula o desenvolvimento da linguagem, promove a imaginação e a empatia, fortalece os laços afetivos. Além disso, contribui para o aprendizado sobre o mundo, melhora habilidades cognitivas e emocionais, além de cultivar o hábito de leitura independente e expandir a criatividade das crianças. Durante o meu percurso na universidade, algo que atravessou diversas disciplinas foi o conceito de ludicidade como capacidade de tornar as atividades mais envolventes, prazerosas e interativas, estimulando o aprendizado de forma divertida e significativa. No contexto da educação infantil, a ludicidade desempenha um papel importante, pois permite que as crianças aprendam e se desenvolvam de maneira mais eficaz, por meio de jogos, brincadeiras, contação de histórias e outras atividades lúdicas que despertam sua curiosidade. (KISHIMOTO,1996).

## 2. INÍCIO DA VIDA ESCOLAR

Quando entrei na primeira série, eu era uma das únicas crianças que já sabiam ler da minha turma. Eu me orgulhava muito disso e sentia que os adultos também. Muito tempo depois eu fui me questionar se eu realmente estava entendendo o que eu estava lendo ou só declamando aquelas palavras gostosas de se dizer. No futuro, ainda achando que ler rápido era uma proeza, me percebia com dificuldade de interpretar certas coisas ou de me lembrar das informações dos textos. Conforme eles iam ficando mais complexos, mais eu me deparava com minhas dificuldades de leitura e ia desacelerando, me sentindo mal por isso, quando tudo o que eu precisava era de paciência e tempo refletindo sobre a leitura.

No primário eu estudava em uma escola chamada Tia Fátima. Não tenho muitas lembranças desse lugar. Mas uma delas foi quando a minha professora chamou a minha mãe para conversar sobre o meu desempenho. Ela me elogiou, disse que eu aprendia rápido e minha mãe se sentiu orgulhosa de mim. Para demonstrar minhas proezas para a minha mãe, ela me pediu para escrever a palavra “CIRCO” na lousa. Empolgada com a tarefa, peguei o giz com minhas mãos sujas de restos de cola e escrevi “SIRCO”.

Ainda me recordo do malabarismo mental que ocorreu dentro da minha cabeça: pensei que escrever com C era muito simples e que provavelmente a maneira correta de se escrever seria com S, uma letra muito mais complexa, com duas curvas, digna de uma tarefa como aquela. Então veio o desconcerto da professora diante do meu erro e a vergonha que senti.

Existem certos processos no desenvolvimento infantil que se rebelam ludicamente - como nos mostra a obra *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e Educação* (KISHIMOTO, 1996) - contra o rígido currículo escolar e eu acredito que naquele dia eu escolhi a letra mais bonita, como é apresentado por Pimentel (2008), no exercício da ludicidade, quando são empreendidas ações coordenadas e organizadas que irão influenciar outros aspectos do desenvolvimento intelectual da criança durante o aprendizado, tão importantes no complexo processo de apropriação dos elementos do mundo real e consolidação dos pensamentos abstratos. E com 5 anos, eu não estava errada. Hoje eu não vejo as letras assim,

mas naquele momento o S era uma letra importante para mim e eu me lembro disso.

Muitas das minhas experiências dentro de sala de aula durante a minha graduação me fizeram perceber que um dos pecados dos adultos é se esquecer como a cabeça funcionava em sua própria infância. Pode ser que a rotina caótica das salas de aula não permita que exista tempo para que ocorra essa percepção aguçada sobre os pequenos processos. Pode ser que a falta de estrutura faça com que seja difícil alcançar todas as crianças de maneira significativa. E pode ser que não pareça realmente importante o fato de o S ser mais bonito para aquela menina, o certo é escrever com C e ponto final. Mas no final das contas, compreender esses estranhos devaneios é uma das chaves para acessar a forma como aquela criança aprende e o que fazer para contribuir para com seu conhecimento.

*Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso (BACHELARD, 1960, p. 8).*

### **3. O FUNDAMENTAL II E O ENSINO MÉDIO**

Fui perdendo a minha vontade de ir para a escola e de estudar com o passar do tempo. A transição do ensino fundamental I para o fundamental II foi especialmente difícil para mim. A brusquidão foi como arrancar um esparadrapo com força. Teoricamente doeria menos, mas continuou ardendo por um bom tempo, como se não fosse o momento certo de tirar o curativo. A escola que me recebeu no fundamental II era enorme, os meus pares pareciam ser socialmente muito mais avançados do que eu e a troca de professores me deixava confusa. Com grades na janela e salas lotadas com alunos cheios de energia, parecia ser o ambiente menos propício para o aprendizado.

A escola estadual em que entrei no fundamental II era considerada ruim por atender, em sua maioria, alunos periféricos. Era uma escola com uma certa estrutura prisional. Muito grande, com grades na janela e comandada com rigidez. Nem grades, nem rigidez foram suficientes para impedir que os estudantes rabiscassem as mesas com seus nomes, talvez em uma tentativa de serem lembrados, talvez pela dor de se sentirem invisibilizados pelo sistema do qual

faziam parte. Eles se faziam ouvir através das gargalhadas, das chacotas, dos desafios que propunham contra toda e qualquer autoridade. Fogo foi ateado nas cortinas um dia, na lixeira em outro. O caos também trazia certo conforto. Em serem ouvidos, em se tornarem finalmente relevantes, fosse por bem ou mal. Enquanto não encontrassem professores atentos, enquanto não se sentissem conectados ao ambiente no qual passavam a maior parte do tempo, não havia sossego.

Eu sempre fui quieta, no mundo da lua, rabiscando meus cadernos e voltando a prestar atenção na lousa cheia de novas anotações das quais eu não entendia nada, mas com vergonha demais para perguntar e assumir que me perdi ao longo das explicações. Ainda assim, eu era uma aluna mediana. Conseguia, pelo menos, passar de ano e não ficar de recuperação. Porém, eu não tinha o hábito de estudar com frequência e acabava me prejudicando por não ter uma rotina.

Nunca soube estudar sozinha e ainda tenho dificuldades com isso. Durante a minha vida escolar, eu sentia o desejo de contribuir com a escola em que eu estudava. Naquela época, ainda como estudante, eu já pensava em como eu faria diferente se fosse eu a dar aula. Eu me indignava muito frente ao desrespeito que meus colegas sofriam de professores sobrecarregados e gestores amargurados. Era uma relação decadente entre alunos em situações vulneráveis que se recusavam a abaixar a cabeça e não se sentiam pertencentes ao espaço escolar e discentes exauridos pelas péssimas condições de trabalho e pela impotência em relação à realidade de vida cruel de muitos alunos.

Durante o terceiro ano do Ensino Médio, comecei a fazer um curso técnico de química que era oferecido gratuitamente para alunos de escolas públicas. Nunca fui boa em química, mas sempre achei muito legal e, em vez de optar por outras possibilidades de cursos técnicos que também eram oferecidos, acabei escolhendo aquela mais difícil para mim. O curso era longe da minha casa e me sentia inadequada por me comparar a meus colegas, que rapidamente entendiam as explicações e pareciam muito apaixonados pelo conteúdo. Hoje vejo que provavelmente estava remando contra a maré das minhas próprias inclinações. Na minha cabeça, o que eu tinha vontade de fazer era sempre o que eu não deveria fazer.

Eu pensava, e às vezes ainda penso, em realizar o oposto do que é mais fácil para mim. Nem preciso dizer que acabei desistindo do curso técnico em química com um sentimento de fracasso enorme. Terminei o terceiro ano sem muita comemoração. Foi apenas uma passagem na minha vida que se encerrou em silêncio. Eu tinha pouca perspectiva de futuro durante meus anos escolares. Tive sorte de seguir o exemplo de alguns colegas próximos a mim, mesmo sem entender completamente o que eu estava fazendo. Uma amiga se preparava para a prova do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e eu pensava que era isso o que eu deveria fazer também. Ninguém da minha família próxima até então havia começado a cursar uma faculdade e também não sabiam como me auxiliar nesse sentido, mas me incentivaram a tentar. A minha mãe inclusive participou de diversas provas do Enem comigo no intuito de conseguir o diploma de ensino médio, assim como um de meus irmãos mais velhos que almejava entrar para a faculdade de Letras. Ele conseguiu em determinado momento, mas não teve como se manter em São Paulo e teve que voltar para Atibaia sem concluir o curso. Ele voltaria a cursar o curso de Letras somente em 2018 na UFOP, após a minha entrada no curso de Pedagogia quando ele soube sobre as políticas de permanência da UFOP e veio morar na mesma república socioeconômica que eu. Meu outro irmão mais velho começou a trabalhar desde cedo na área de Publicidade e seguiu a carreira sem cursar faculdade.

Me lembro de uma dinâmica que foi feita com a minha sala de aula uma vez. Alguns estudantes de psicologia de uma faculdade local foram até a minha escola para conversar com os alunos sobre seus futuros profissionais. A dinâmica consistia em separar o grupo em pares para que conversassem sobre o que gostariam de fazer de suas vidas e, em seguida, cada um falaria para o grupo todo sobre o que foi conversado e as impressões que tiveram uns dos outros. Me lembro que meu par era um garoto muito inteligente que estava determinado a entrar para o curso de Medicina. Ele era um dos mais espertos da nossa sala de aula e tinha uma condição socioeconômica um pouco mais privilegiada que o resto da classe. Lembro-me da conversa que tive com ele porque me marcou muito. Ele me dizia sem hesitar que gostaria de fazer Medicina e eu nunca consegui entender como as pessoas conseguem ter tanta certeza de algo assim tão novas.

Eu não sabia o que eu queria fazer e disse isso a ele. Eu lembro de ter dito que ainda estava confusa, que não havia pensado nisso e que estava esperando até que eu conseguisse chegar a alguma conclusão. Acho que a mesma estranheza que eu tive para com ele, um rapaz da minha idade tão certo do que queria, ele teve para comigo, uma moça da idade dele que não esperava nada do futuro. Digo isso porque quando abrimos para conversar em roda, eu dividi a minha impressão com a turma dizendo que eu achava muito interessante que ele tivesse vontade de fazer o curso de Medicina ou qualquer coisa genérica positiva sobre ele. Eu estava esperando ansiosa, pensando no que ele diria sobre mim. Quando chegou a vez dele, ele disse que eu não sabia o que eu queria para mim e que eu era preguiçosa.

Preguiçosa sempre foi uma palavra que me perturbou muito. Eu parecia ser perseguida por esse adjetivo durante minha adolescência até que comecei a repetí-lo para mim mesma. Era sempre um sentimento de que “eu não fazia porque não queria”. Mas meus pensamentos turbulentos me atravessavam de maneira paralisante. E eu não consigo avançar quando cobro tanto de mim mesma. Eu me sentia boa para nada, inútil e incapaz de realizar qualquer coisa. Porque eu não enxergava um futuro, eu achava que morreria logo, que não fazia sentido continuar vivendo e que a morte estava à espreita, apenas esperando um passo em falso. Eu desejava a sua chegada, mas também morria de medo de recebê-la.

Nunca atentei contra a minha vida, mas lidei com pensamentos suicidas e desesperança em um período em que eu não me sentia humana, que não via beleza na vida e não esperava nada dela. Eu me sentia absolutamente sozinha. Ainda que eu tivesse minha família ao meu redor, eles não me compreendiam e sinto que às vezes tinham receio de estender a mão para mim porque significaria que o que eles mais temiam, se tornaria realidade. Talvez fingir que estava tudo bem, alimentava uma falsa sensação de paz. Uma sensação que sempre prezei nas minhas relações familiares e também por isso, evitava ser um problema. No entanto, tantos sentimentos e amarguras não ficam tanto tempo presos sem que haja uma explosão. Ninguém sai ileso de tanta violência. Eu tinha que me perceber e passar finalmente pela dor do que havia acontecido comigo na infância para que finalmente eu tivesse a energia para começar a me curar.

Quando as coisas começaram a fazer sentido de novo, aos poucos, em 2016, decidi que meu propósito então seria me dedicar a algo grande, para além de mim. Minhas escolhas eram entre psicologia e pedagogia. E mesmo se eu passasse no curso de psicologia, eu tinha a ambição de me voltar à área educacional. Usei a minha pontuação do Enem para entrar no curso de pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) pelo SiSU (Sistema de Seleção Unificada). Não conhecia a região e nem a universidade. A oportunidade de cursar uma federal na área de educação se abriu para mim e eu a agarrei sem hesitar, me entregando ao desconhecido.

Quando entrei na sala de aula da universidade pela primeira vez, eu estava nervosa e com muitas expectativas sobre tudo. Com o decorrer das aulas, minha ambição de mudar o mundo através da educação foi se tornando mais madura e sóbria. Fui aos poucos percebendo as nuances dos problemas sociais e me politizando de forma a compreender que a escola também é um agente que pode acabar por reproduzir as desigualdades da sociedade.

#### **4. O INGRESSO NO CURSO DE PEDAGOGIA**

Cursar Pedagogia me permitiu compreender de onde vinha a minha indignação em relação às questões sociais e entender o meu papel como educadora e aluna. Ao estudar sobre infância e processos de aprendizagem dentro da Pedagogia, é impossível não comparar as nossas próprias experiências durante o processo de escolarização com a teoria que está sendo ensinada dentro de sala de aula. Sendo assim, muitas aulas vinham recheadas de histórias sobre a escola de cada um e quais violências acompanharam as crianças que todos nós já fomos um dia. É um ato de nomear o que aconteceu e aprender, a partir daí, como mudar esse processo para outras crianças.

Comecei a fazer o curso de Pedagogia justamente por sentir que eu tinha como propósito maior servir à infância. É uma escolha complicada de palavras para mim atualmente, mas no final das contas, ainda é o que me move. Servir traz uma conotação que não condiz exatamente com o papel de um profissional da educação, afinal de contas, não é sobre ser subserviente, mas sobre trabalhar em prol da criança, que ainda não pode e não tem forças para defender a si mesma e está sujeita a todos os tipos de violência. Como educadora, entendo que existe um luto

em relação às nossas motivações heroicas que se frustram quando nos vemos de frente a um sistema que nos faz sentir impotentes em relação à o quanto podemos atingir de forma positiva a vida das crianças. Ainda que eu possa alcançar uma pequena parcela de suas vidas, eu, como adulta e como educadora, posso servir a esse propósito para uma parcela da sociedade que é vulnerável e que ainda assim sofre de uma violência em partes, socialmente aceitável.

Mais ou menos na época em que comecei a enfrentar meus traumas e contar com a ajuda da minha família, que ainda estava aprendendo a lidar comigo e com suas próprias feridas, foi quando passei na UFOP. Ainda não consigo entender como foi que encontrei tanta coragem para tomar essa decisão tão ousada. Lembro de entrar no ônibus com medo, 12 horas de viagem à minha frente, 20 anos de idade e um destino desconhecido.

Pessoas que não ganhavam nada por me ajudar, me colocando dentro de suas casas e me esperando na rodoviária, pessoas que nem me conheciam direito. Fiz um amigo importantíssimo que me auxiliou em diversos momentos de dificuldade e que me deu a mão sem pedir nada em troca desde o começo. Foi através dele que conheci as moradias estudantis em que moro até hoje, na mesma república onde eu fui acolhida.

Cheguei em Mariana só com uma mala de roupas e sem saber exatamente o que esperar da minha jornada. Eu nunca tive um objetivo concreto, acho que eu não fui construída assim. Eu sempre tentei desvendar as situações e encontrar caminhos escondidos. Nunca houve um plano porque eu não sabia como fazê-los. Não que planos não sejam importantes, assim como a disciplina e objetivos concretos. Mas olhando de um ângulo distante para a Ingrid que chegou aqui em 2016, não consigo evitar admirar essa maneira despretensiosa em que pisei aqui pela primeira vez, aberta ao que viesse, curiosa e assustada. E pensar que consegui percorrer esse caminho todo, apesar de tudo.

No dia em que cheguei, coloquei minhas coisas em um quarto, conversei um pouco com as meninas que me receberam e depois voltei para o quarto para chorar. Senti muita falta do conforto de tudo o que eu já conhecia. Os dias e semanas que se seguiram foram um pouco como se eu estivesse dentro de um sonho. Eu me sentia distante da realidade, como se eu estivesse assistindo um filme de longe.



Não me sentia integrada na minha própria vida, como se eu não passasse de uma figurante dentro do grande esquema do universo. Ainda que essa sensação tenha passado com o tempo, demorou para que eu parasse de me sentir como se eu estivesse no piloto automático. Depois de alguns anos de faculdade e depois de muita terapia, houve um momento em que uma epifania aconteceu dentro de mim e que me percebi como pessoa.

Minha entrada na universidade foi um choque para mim. Todos pareciam muito mais experientes que eu em tudo. Eu não tinha muitas habilidades sociais e isso fez com que eu me isolasse um pouco do resto das pessoas. Eu entrei para a educação porque queria transformar a maneira como se ensina os estudantes dentro das escolas. Sentia que queria contribuir para com o mundo em que vivo de alguma maneira que fosse importante e cheguei à conclusão de que a base de tudo estava na educação. Parte disso vem de uma resposta direta ao que me fazia questionar a minha própria existência.

Com o passar da minha graduação, me questionei muito sobre esse objetivo e sobre como ele representava para mim, uma maneira de me curar também das feridas da minha infância. E seria isso o suficiente para que eu me tornasse uma professora apta a enfrentar os desafios dentro da sala de aula? Parece muito bonito de um certo ponto de vista, mas o que eu precisava fazer para, de fato, me tornar uma educadora que não só fosse movida por uma emoção, ainda que muito forte, mas também por um comprometimento racional em relação à educação? No decorrer dos anos, através de altos e baixos, às vezes muitos mais baixos do que altos, eu fui me construindo como professora.

Depois de tudo o que passei, ainda sou iniciante na profissão, mas quem melhor para me ensinar do que meus próprios alunos? Sempre tive muito medo de estar em pé em uma sala de aula. Todos aqueles olhos cheios de expectativas e curiosidade. Para mim, é muito mais difícil apresentar uma aula para uma sala cheia de crianças de 7 anos do que apresentar um trabalho na faculdade, para adultos. A responsabilidade é gigante.

Sou uma pessoa muito calma e reservada. Falo baixo e tenho uma certa dificuldade em ser uma pessoa assertiva. Já ouvi de algumas pessoas que eu não tenho o perfil necessário para dar aula e já vi os olhares de dó, provavelmente

pensando em quais maneiras eu seria destruída pelo caos da escola. Não só isso, mas não estou aqui por incentivo de alguém, mas por pura teimosia, por pura rebeldia. Ainda que minha família tenha me dado forças para essa jornada, eles também iriam me apoiar caso eu desistisse e tentasse outra carreira. Depois de muitos tombos, minha mãe inclusive me pediu para voltar para casa, por muita preocupação em relação ao meu bem estar. Mas eu permaneci e ainda não entendo totalmente o porquê de eu tentar tanto, mas hoje eu vejo o caminho que trilhei e percebo o quanto foi importante tê-lo trilhado.

Quando as coisas começaram a fazer sentido de novo, aos poucos, em 2016, decidi que meu propósito então seria me dedicar a algo grande, para além de mim. Quando entrei na sala de aula pela primeira vez, eu estava nervosa e com muitas expectativas sobre tudo. Com o decorrer das aulas, minha ambição de mudar o mundo através da educação foi se tornando mais madura e sóbria. Fui aos poucos percebendo as nuances dos problemas sociais e me politizando de forma a compreender que a escola também é um agente que pode acabar por reproduzir as desigualdades da sociedade, como nos trazem Magalhães e Ruiz

*Em tese, numa concepção idealizada, a escola é o espaço no qual os indivíduos aprendem comportamentos relevantes para viverem em sociedade e têm acesso ao conhecimento construído socialmente pela humanidade. Observando-se o real, na escola poderemos assimilar também uma ampla gama de preconceitos e estereótipos. Muitas vezes, este espaço particular chancela estigmas que permanecem de forma indelével por toda a vida e pode institucionalizar práticas de violência simbólica (MAGALHÃES e RUIZ, 2011, p. 126)*

A compreensão de que não se salva as pessoas através do sistema educacional vigente, mas que é possível instigar o pensamento crítico para que possam reivindicar seus direitos e realizar escolhas que sejam positivas em suas vidas no futuro foi muito importante para mim. Aprendi que os professores são facilitadores desse processo e que os estudantes e suas necessidades estão no centro do processo educacional.

## **5. UMA CRONOLOGIA: SOBRE-VIVÊNCIAS**

Em novembro de 2016, foi aprovada na Câmara a Proposta de Emenda à Constituição 55 (PEC 55), conhecida como PEC do Teto de Gastos, do governo de Michel Temer. A Emenda Constitucional limitou o aumento dos gastos públicos

acima da inflação por 20 anos. Ou seja, ministérios como o da Saúde, Educação e tantos outros ficaram impedidos de fazer novos investimentos.

Além disso, também foi aprovada a Medida Provisória 746 (MP 746) que prevê a reforma do ensino médio no Brasil. Como resposta, diversas Universidades Públicas e escolas da rede básica foram ocupadas por estudantes e professores. As mobilizações foram intensas contra as duas medidas. A PEC 55 previa o congelamento de gastos para a educação nos próximos 20 anos, debilitando o investimento necessário para as instituições educacionais no Brasil. Já a medida provisória do novo ensino médio trazia consigo uma ilusão do novo através da instauração de uma educação tecnicista. Esses eram os principais argumentos que levaram à greve e à ocupação das universidades e instituições básicas de ensino.

Recém chegada à universidade e com pouca experiência em mobilizações políticas, decidi participar da ocupação no intuito de começar a me engajar mais politicamente dentro da universidade. Na companhia de mais alguns colegas, levamos colchões até o Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) e nos organizamos em grupos, cada qual com sua função. Foram feitas oficinas, debates e rodas de conversa e contamos com o auxílio de professores, estudantes e voluntários que simpatizavam com a causa. Também acompanhamos a ocupação dos alunos do Ensino Médio de uma escola de Mariana e auxiliamos no que eles precisavam. É interessante evidenciar que a discussão sobre o novo ensino médio vem tomando mais força novamente nas últimas semanas.

A PEC 55 passou em segundo turno e aos poucos a mobilização foi enfraquecendo. Me lembro de que nessa época consegui comprar uma passagem de volta para São Paulo através do Id Jovem, serviço que eu utilizaria todas as vezes em que eu precisasse fazer uma viagem entre Minas Gerais e São Paulo. As aulas voltariam somente mais ou menos na metade do mês de janeiro de 2017 com o calendário acadêmico um pouco comprometido em termos de sincronia com o calendário anual. Foi um primeiro semestre bastante intenso para quem nunca havia participado de nenhum tipo de mobilização política, nem pisado em uma universidade na vida.

No 2º ano da graduação, em 2017, eu aprofundei minhas amizades com pessoas muito importantes para mim e também me despedi de outras pessoas que

passaram rapidamente pela minha vida e foram embora sem muito aviso prévio. A casa se transformou rapidamente e pessoas novas foram entrando. Eu diria que a vida dentro das moradias estudantis é impossível de se entender completamente se o sujeito não passa pelo menos seis meses morando em uma das casas. Quando chegamos, buscamos logo por algum tipo de aconchego, um conforto do que é familiar. Mas não há nada disso. Eu me deparei com mais onze pessoas, homens e mulheres, que não poderiam ser mais diferentes de mim e também muito diferentes umas das outras. É como uma loteria, você nunca sabe quem vai encontrar na casa em que chega e cada pessoa adiciona um pouco de si para dentro do coletivo, formando uma amálgama de personalidades diferentes.

Em alguns momentos, o caos da convivência obriga todos a se esforçarem para encontrarem o mínimo de harmonia para poder viver em paz. Também nunca se sabe quando vai surgir a próxima situação desconfortável, então é sempre necessário tentar se manter atento sobre possíveis crises. E quando elas chegam, parece que todos se transformam. Momentos de tensão acabam aflorando lados de nós que nem sabíamos que existiam, seja de forma positiva ou de forma negativa. E muito do que sou hoje foi forjado dentro das moradias com muitas lágrimas e risadas.

Dentro da minha república faltavam muitas coisas. Quando eu mencionei que cheguei somente com uma mala de roupas, eu falei sério. Eu guardava as minhas roupas dentro de um pedaço improvisado de um guarda roupa quebrado. A cama era da casa, mas vivia desmontando quando eu me deitava. Não tínhamos máquina de lavar roupa, somente um tanquinho velho que não funcionava direito. Tivemos que economizar e comprar a máquina no início de 2017. Ela ainda existe, mas já passou por diversas manutenções e somente esse ano que recebemos uma máquina de lavar da universidade. Ainda assim, com o tempo, fui conseguindo as minhas coisas. A primeira vez em que tive um quarto só para mim na minha vida foi em 2017 em Mariana, dentro da minha república. E mesmo não sendo meu de verdade, ter a chance de poder ter um espaço só para mim durante os meus anos de graduação foi muito importante. É preciso ter um lugar onde você fecha a porta e o mundo lá fora não te alcança.

### **Algumas experiências curriculares e extracurriculares que impactaram minha formação:**

Durante o começo da minha vida adulta e antes de entrar para a universidade, trabalhei como *freelancer* em hotéis na área de recepção de eventos. O trabalho muitas vezes consistia em receber participantes e convidados, tirar dúvidas em relação ao cronograma de atividades e auxiliar os organizadores com tarefas diversas. Além disso, meu primeiro trabalho registrado em carteira era como recepcionista em uma escola de ensino de idiomas. Eu já tinha bastante facilidade no aprendizado da língua inglesa e, por trabalhar na escola, também tive a oportunidade de ter algumas aulas gratuitamente. Em 2017, me inscrevi em um edital para participar da organização do XI Simpósio de Formação e Profissão Docente (SIMPOED). Por já possuir alguma experiência nessa área de eventos e ter inglês em um nível conversacional, tive a oportunidade de conseguir a bolsa.

O objetivo principal deste simpósio é fomentar a interação, o diálogo e a colaboração entre profissionais da Educação Básica, do Ensino Superior e membros da sociedade civil, com o propósito de compartilhar conhecimentos e experiências. Durante o SIMPOED pude colocar em prática tudo o que havia aprendido com meu tempo de experiência trabalhando antes de entrar na UFOP. Me senti satisfeita em poder contribuir para com a realização deste evento e consequentemente com a UFOP.

E falando sobre as repúblicas, em 2018 elas passaram por uma reforma que durou alguns meses. Durante esses meses fomos morar em uma casa no centro da cidade. Mais ou menos nessa época, um de meus irmãos veio morar em Mariana para cursar Letras no ICHS. Foi um sentimento bom tê-lo por perto, me senti um pouco mais próxima da minha família, como um incentivo para continuar. Moramos juntos (eu, meu irmão e mais cinco outros moradores) durante quase todo ano em uma casa bastante precária que nos deixou com a saúde mental um tanto quanto abalada. Foi uma época de atritos, falta de recursos e desarmonia. Não é como se não houvesse momentos bons, mas no geral não foi uma época frutífera para nossa convivência em comunidade.

No final de 2018, voltamos a morar em doze pessoas novamente quando as reformas das moradias finalmente chegaram ao fim. As paredes estavam pintadas,

havia algumas novas instalações e o piso antigo de tacos de madeira que estavam se soltando foram trocados por azulejos. Alguns problemas de estrutura permaneceram ainda por um tempo, como infiltrações antigas e questões relacionadas à parte elétrica da casa, porém a sensação de poder pisar em uma moradia com aparência de nova foi muito satisfatória para todos nós.

Desde minha entrada para a UFOP, ouvia o quanto era importante participar de espaços políticos estudantis dentro da universidade. Porém, estávamos com dificuldade para realizar uma articulação entre os/as estudantes do curso de pedagogia para conseguirmos formar um Centro Acadêmico de Pedagogia. Em 2019, finalmente tivemos a chance de conseguirmos participantes e pessoas empenhadas em participar. Eu fiz parte da gestão “Pedagogia em Movimento” e tive a oportunidade de, novamente, auxiliar na parte de organização de eventos. Sendo um deles a Primeira Jornada de Pedagogia e Letras, que teve como proposta fortalecer a integração entre os estudantes e promover a interação entre as áreas em comum e os conhecimentos compartilhados pelos cursos envolvidos. Essa integração foi alcançada através de mesas redondas, palestras, minicursos, rodas de conversa e atividades como trocas e vendas de livros. O evento visou criar um ambiente dinâmico e enriquecedor, permitindo a troca de experiências e aprofundamento nas temáticas abordadas em Letras e Pedagogia. Neste evento eu também apresentei junto com uma colega uma contação de história com toques teatrais chamada “A Casinha do Tatu” para crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola de Mariana. Recebemos duas turmas para a contação de história na brinquedoteca e oferecemos lanche e recreação durante seu passeio pelos arredores do ICHS.

Alguns meses depois, ainda em 2019, durante meu tempo de participação no centro acadêmico, também auxiliei na organização da I Semana de Estudos em Educação. Além de disseminar conhecimento, esse evento também visou elevar a motivação dos estudantes de pedagogia e transformar a percepção dos demais estudantes em relação ao curso. A programação incluiu palestras, oficinas, mesas de debates e apresentação de trabalhos estudantis, com o propósito de valorizar a comunidade acadêmica. Em um contexto político desafiador, durante o governo de Jair Bolsonaro, em que as universidades públicas enfrentam profundas dificuldades

no Brasil, esse evento buscou fortalecer o papel e a importância da área da educação, enaltecendo a contribuição que os estudantes e pesquisadores desses cursos oferecem para o desenvolvimento educacional e social do país.

Ainda em 2019, fui monitora das disciplinas de estágio supervisionado referentes ao currículo 1 do curso de pedagogia. Meu trabalho consistia em auxiliar os/as alunos/as com seus documentos, tirar dúvidas referentes aos seus relatórios de estágio e recebê-los quando estivessem completos.

No início de 2020 iniciou-se a pandemia da COVID-19 que havia se instalado rapidamente pelo Brasil. Em uma época repleta de incertezas e medos em que o mundo inteiro se viu frente a possibilidades de perdas de pessoas queridas, a pandemia trouxe um medo profundo: o medo de morrer. Esse sentimento se tornou constante e afetou todos os aspectos da vida. Cada notícia triste e estatística assustadora nos lembrava da nossa própria vulnerabilidade. O medo de ficar doente ou perder alguém querido se misturava com as preocupações do dia a dia, transformando coisas simples em fontes de ansiedade. A área da educação enfrentou uma série de desafios durante a pandemia. Com o fechamento generalizado de escolas, a transição abrupta para o ensino remoto destacou a disparidade no acesso à tecnologia e à internet, prejudicando a equidade educacional. A ausência de interações presenciais impactou negativamente o envolvimento dos alunos, afetando a dinâmica de troca de ideias e discussões em sala de aula. Além disso, os educadores tiveram que se reinventar rapidamente, adaptando currículos e adotando plataformas online, enquanto enfrentavam o desafio de manter os alunos motivados e proporcionar aprendizado eficaz à distância.

Durante a pandemia, meu retorno à casa da minha mãe em São Paulo marcou um período de profundo isolamento. Apesar de estarmos sempre juntas, a ausência de interações com outras pessoas conhecidas me trouxe um sentimento intenso de solidão. O medo e a ansiedade que a situação gerava resultaram em pesadelos recorrentes, levando-me a questionar sobre o meu propósito de vida. Embora tenha tido a sorte de não perder nenhum membro próximo da família, o constante anúncio de mortes de conhecidos contribuiu para um sentimento de depressão crescente. Meus últimos estágios foram conduzidos à distância, a partir

de aulas em que interagíamos com professoras enfrentando desafios similares. Suas histórias refletiam as dificuldades do momento e acrescentaram uma dimensão ainda mais real à minha experiência.

No final de 2020, a Coordenadoria de Acessibilidade e Inclusão (CAIN) lançou um edital buscando pessoas para produzir legendas para as aulas remotas, a fim de atender aos alunos e alunas surdos/as da instituição. Tive a oportunidade de trabalhar transcrevendo as aulas para as legendas nos vídeos por um pouco mais de um ano. Naquela época, minha mãe estava desempregada, e eu tinha recursos financeiros limitados. Ser remunerada com uma bolsa e poder contribuir com a universidade tornou o trabalho muito prazeroso e gratificante para mim.

Enfrentamos desafios, como o longo tempo necessário para legendar aulas extensas, especialmente quando os/as estudantes precisavam desse material com agilidade para cumprir prazos. Apesar de concederem aos alunos e alunas surdos/as um prazo um pouco maior para entregarem seus trabalhos, devido ao tempo necessário para a legendação dos vídeos, tínhamos que nos esforçar para entregá-los dentro do prazo estabelecido.

Minha primeira experiência de estágio foi antes da Pandemia, dentro da biblioteca da escola, onde acompanhei a professora de recuperação que atendia várias turmas de idades diferentes e, algumas vezes, apenas alguns alunos com dificuldades específicas em certos campos. Durante este estágio, a professora estava desenvolvendo uma atividade em que as crianças tinham como objetivo escrever um poema e fazer uma ilustração para compor um livro feito por elas ao final do semestre. Auxiliei as crianças na escrita de seus respectivos trabalhos e também, a pedido da professora, escrevi digitalmente os poemas dos alunos para impressão.

Em meu segundo estágio, voltado para a gestão escolar, acompanhei a rotina de uma coordenadora pedagógica de uma escola de Mariana. Também pude observar como funciona o processo de trabalho das outras coordenadoras pedagógicas que trabalhavam na mesma sala.

O terceiro estágio da minha grade curricular tinha como por objetivo explorar espaços não-escolares e para isso escolhi uma biblioteca de Mariana. Me engajei



ativamente neste estágio e foi um dos mais prazerosos para mim. Quando cheguei, haviam acabado de instaurar uma sala de literatura infantil, então pude participar da organização e catalogação dos livros que compunham as estantes da biblioteca.

Meus últimos três estágios foram realizados durante a pandemia de COVID-19 e como as aulas não estavam sendo presenciais, foi estipulado que fizéssemos outros tipos de atividades, como pensar em planos de aulas e conversar com as professoras que estavam atuando naquele momento de insegurança nacional.

Nos últimos meses do ano de 2022, me inscrevi em um edital para participar do Residência Pedagógica, um programa que proporciona a imersão do estudante de licenciatura na escola de educação básica de forma a reforçar e aprofundar a capacitação teórico-prática dos alunos nos anos iniciais. Como os meus últimos estágios foram realizados durante a pandemia do COVID-19, sem que eu pudesse estar presencialmente dentro de uma sala de aula, senti que faltava a experiência docente em minha formação profissional. Com o objetivo de fortalecer a minha identidade como futura professora, ingressei no projeto Residência Pedagógica no núcleo de matemática. Este subprojeto tem como objetivo trabalhar com a leitura e a escrita utilizando-se da Matemática como um papel impulsionador, permitindo a habilidade de selecionar, organizar e analisar informações do dia a dia.

Iniciamos o trabalho de estudo, leitura e organização dos grupos no final do ano e como a escola estava de férias, participamos presencialmente na escola somente a partir do início de 2023. Em uma escola pequena do município de Passagem, atuei com uma colega em uma turma do 5º ano do ensino fundamental que havia acabado de mudar de professora. A professora substituta era uma das profissionais que trabalhavam com as aulas de reforço individualmente com as crianças, e uma nova professora só chegou para assumir seu cargo após as férias de julho. Entre crianças com vontade de crescer rápido demais e outras agarrando-se firmemente à sua infância, encontrei pequenos indivíduos brilhantes e cheios de ideias. Nos apegamos rapidamente a eles e a afeição foi mútua. Trabalhando de um espaço em que eu ainda não era a figura de autoridade máxima dentro da sala de aula, acabei assumindo um espaço que beirava ao de irmã mais velha. A “tia” com a qual eles podiam brincar e contar histórias sobre eles mesmos

ao mesmo tempo em que eu os auxiliava com suas dúvidas e questionamentos sobre a tarefa individualmente e chamava a atenção para que prestassem atenção na aula de tempos em tempos. Ao mesmo tempo em que esse espaço de atenção direta para com os alunos me proporciona a chance de observá-los e entendê-los melhor, percebi que eu tinha dificuldade em conseguir me impor com um pouco mais de autoridade. Com o passar do tempo, fui treinando a minha voz de professora sem deixar de nutrir a minha amizade com as crianças.

Em julho, nós preparamos uma aula sobre sólidos geométricos utilizando jujubas e palitos de dente com o intuito de auxiliar no aprendizado matemático que estava sendo lecionado pela professora da turma. De certa forma, ainda que eu já tivesse experienciado a docência de outras formas anteriormente, eu ainda me sentia bastante despreparada para ficar responsável por uma sala de aula. E como já havia mencionado anteriormente, meus últimos estágios, que seriam direcionados à prática da docência, foram realizados durante a pandemia, remotamente. Naquele momento, em pé na frente de uma sala de crianças cheias de expectativas e curiosidade, aconteceu uma epifania dentro de mim. Não havia mais dúvidas sobre minha capacidade de lecionar e não tinha mais medo da extrema responsabilidade de ensinar. Senti que todos os anos que passei estudando e os conhecimentos que acumulei durante a minha graduação culminaram naquela aula. A partir da minha experiência na participação na Residência Pedagógica, pude finalmente visualizar um futuro como professora.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No percurso desta jornada de formação em Pedagogia, pude vivenciar uma transformação profunda, na qual adquiri um grande repertório de conhecimentos que moldaram minha compreensão sobre educação como um todo. A experiência acadêmica não apenas aprimorou minha percepção sobre os princípios pedagógicos, mas também alimentou a minha paixão pelo processo de aprendizagem. Cada disciplina, discussão em sala de aula e atividade prática enriqueceram minha visão de como a pedagogia desempenha um papel essencial na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente.

Ao refletir sobre minha jornada na formação em Pedagogia, reconheço este período como um percurso de auto descoberta e aprimoramento contínuo. Através

do contato com teorias educacionais, abordagens de ensino e experiências práticas, me tornei mais consciente das responsabilidades e desafios que as/os educadores/as enfrentam diariamente. Esta jornada não apenas me equipou com ferramentas para facilitar a aprendizagem, mas também me inspirou a ser uma professora que promove uma educação de qualidade.

Este memorial representa minha evolução como educadora em formação e reafirma o meu compromisso em buscar oportunidades de aprendizado. A formação em Pedagogia é o começo para uma jornada que visa a criar um futuro melhor na educação, onde cada criança é reconhecida e incentivada a alcançar todo o seu potencial. Os anos em que me dediquei ao curso de Pedagogia não só me preparam como profissional da educação como também me permitiram me curar e evoluir como ser humano. Hoje compreendo que nunca estamos totalmente preparados para os desafios mais importantes de nossas vidas, mas é absolutamente necessário que enfrentemos nossos medos e dúvidas para que possamos aprender com nossas experiências, sejam elas a partir de erros ou acertos.

#### **REFERÊNCIAS:**

BACHELARD, Gaston. A poética do devaneio. 3. ed. **São Paulo: Martins Fontes**, 2009. 205 p.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Políticas de democratização da educação superior brasileira: limites e desafios para a próxima década. **Revista da Avaliação da Educação Superior**. v. 22, n. 2, p.301-315, 2017.

ENRIQUEZ, Eugène. El relato de vida: interfaz entre intimidad y vida colectiva. **Perfiles Latinoamericanos**. v. 21, p. 35-47, 2002.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. Cortez, São Paulo, 1996

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva;RUIZ, E. M. Estigma e currículo oculto. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 17, p.125-142, 2011.

PIMENTEL, Alessandra. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. **Psicologia da Educação**., v. 26, p. 109-133, 2008.

SILVA, Wilton Carlos Lima da. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. **Revista Tempo & Argumento**. v. 7, n. 15, p. 103-136, 2015.

SOARES, Magda. Alfabetar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. **São Paulo: Contexto**, 2020. 352 p.

DIAS SOBRINHO, José. Democratização, qualidade e crise da educação superior: faces da exclusão e limites da inclusão. **Revista Educação & Sociedade**. v. 31, n. 113, p. 1223-1245, 2010.